Relatório CEMINA 20 anos

Inovação em prol da cidadania feminina

O significado de incluir

Ao digitarmos a palavra “inclusão” em mecanismos de busca online no Brasil, boa parte do resultado nos direciona, atualmente, a artigos e documentos que tratam de inclusão digital. Sobram demandas, faltam ofertas. É um achado tão emblemático, quanto realista.

Inclusão, como sabemos, remete ao tema mais amplo do social e dos indivíduos com necessidades de saúde, educação, emprego, habitação e outras assim chamadas necessidades básicas. Entretanto, nas sociedades orientadas cada vez mais para a informação, incluir-se no ambiente digital tornou-se prioritário e vital para quem necessita providenciar, também, inclusões de outros matizes.

Ter acesso a Internet é poder acessar os infindavéis sites e portais de conteúdos diferenciados. É também manter contato com outras pessoas, com empresas, com prestadores de serviços; enviar dados, organizar e participar de redes nacionais e internacionais; descobrir o melhor tratamento de saúde; buscar emprego, enviar currículos; pagar contas, declarar impostos, realizar consultas públicas, obter documentos; ouvir rádio, assistir filmes, falar com pessoas em qualquer lugar do mundo gratuitamente. Enfim, viver no século 21.

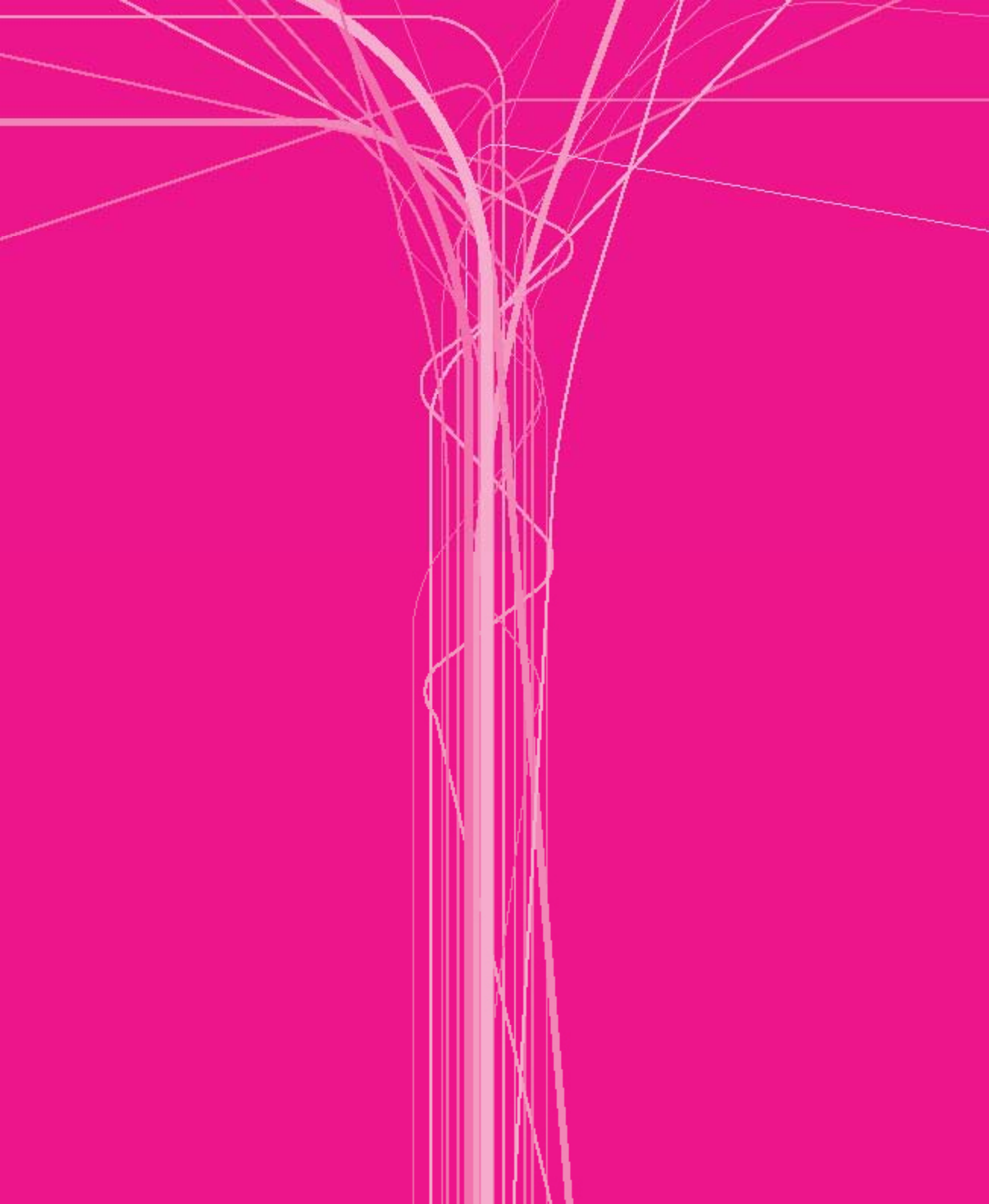
Mas nosso país, oitavo do mundo em número de provedores de hospedagem (hosts), tem pouco mais de 20% da população com acesso a Internet – em 2006, dos 33 milhões de internautas brasileiros, 14 milhões tinham conexão em casa (donos de seus próprios computadores) e 16 milhões utilizavam a rede mundial de computadores no trabalho, na universidade, em escolas, casa de amigos, cybercafés e telecentros[1]. Estima-se que, em 2007, o número de internautas cresça 12% e alcance a cifra de 37 milhões[2].

Ainda assim, é muito pequeno o acesso à informação online. Se a posse de computadores e seus periféricos, e também à Internet, é tão reduzida num país com as dimensões do Brasil – 170 milhões de habitantes –, preocupa saber que o estágio de apropriação dos brasileiros das ferramentas digitais seja, provavelmente, bastante primitivo num período da civilização em que a informação é um dos bens de maior valor. Romper a barreira da inclusão digital significa ter, inicialmente, acesso ou posse de computadores e, a partir daí, habilitar-se também a usar programas que atendam as necessidades de trabalho ou de educação, bem como tornar-se capaz de escolher quando, de que forma e para quê utilizar tais tecnologias.

Existem diversas iniciativas em curso no Brasil em prol da inclusão digital. Ela é necessária para o crescimento econômico e social do país. São iniciativas que partem das empresas, do governo federal e das organizações da sociedade civil. Este relatório trata de uma das experiências mais inovadoras no campo da inclusão digital realizadas no país por uma organização da sociedade civil. O Projeto de Inclusão Digital Cyberela foi desenvolvido e implementado pela organização não-governamental CEMINA (Comunicação, Educação e Informação em Gênero), que há duas décadas se dedica à promoção da cidadania feminina através do rádio.

A publicação tem o patrocínio da Selulloid AG Comunicação por Conteúdo e da Stilgraf.

1 “Desempenho Setorial” - Associação Brasileira de Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee)
2 Dados do Interactive Advertising Bureau Brasil



Mensagens .07

Histórico .12

Uma janela para o mundo
Missão
Crescendo, aprendendo, multiplicando
Rede de Mulheres no Rádio
Controle social
Perfil da Rede
A vontade é enorme, o desafio também
Em todo tempo e lugar

Inclusão Digital .20

Por que embarcamos nessa onda?
O casamento com as TICs
Terreno seguro, um passo adiante
Acessibilidade em debate
Onde estamos

As Cyberelas .28

“Abóbora, nunca mais!”
Parceiros

Investimento Social .38

Quem, como, quando
Prêmios
Governança
Inclusão Digital de Mulheres: Equipe-responsável

Legado .44

.01 MENSAGENS

As Cyberelas Ansleíria Rodrigues, de Santarém (PA) e Viviane Mendes Couto, de Olinda (PE) aprendendo a editar um programa de rádio digitalmente.

Vocação para liderar

O momento histórico era 1988, auge do processo de democratização no Brasil. Movimentos sociais articulavam políticas públicas e espaços de inserção no âmbito do Estado brasileiro, novas iniciativas da sociedade civil teciam formas de dar respostas aos anseios de mudanças sociais.

Nesse caldo borbulhante de entusiasmo e possibilidades surgiu o CEMINA. O grupo que formou a organização era movido pela certeza de que a comunicação, a informação e a mídia são vetores fundamentais de promoção da cidadania. Queríamos transformá-los em ferramentas acessíveis a todas as mulheres, de Norte a Sul do país – por isso, escolhemos o rádio, meio de comunicação presente em cada canto do nosso país e, o que é ainda mais importante, presente em cada lar. Movido a eletricidade ou a pilha, o rádio continua a ser o fiel companheiro de grande parte das donas de casa e empregadas domésticas, profissão que congrega a maioria das mulheres brasileiras.

O programa de rádio "Fala Mulher", lançado em 8 de março de 1988, deu início à nossa trajetória. Durante 10 anos, o programa foi transmitido diariamente e ao vivo. Promovemos iniciativas culturais, políticas e sociais de mulheres. Respondemos a perguntas e anseios. Introduzimos conversas ousadas e ouvimos histórias, muitas histórias de mulheres e de homens, histórias de dor e de alegria.

Por tudo isso o "Fala Mulher" fez escola. Nossa maneira de fazer rádio foi disseminada em programas, campanhas e rádionovelas transmitidas por emissoras em todo o território nacional. Capacitamos também centenas de mulheres na arte de fazer rádio sem necessariamente ter experiência prévia nesse tipo de veículo de comunicação.

Em sintonia fina, fomos aprendendo umas com as outras em rede, na Rede de Mulheres do Rádio, que se tornou a partir de 1995, data de sua criação, referência nacional pelo uso inovador de um veículo de comunicação acessível a todas as classes sociais e em todo o território nacional.

Os primeiros passos que culminaram no projeto Cyberela tiveram início em 1999. Com a expansão da telefonia e do acesso à Internet no Brasil, surgiram organizações tais como a Rede de Informação do Terceiro Setor - RITS, cuja missão era explorar como as tecnologias da comunicação e da informação, sobretudo a Internet, podiam inspirar novas estratégias de transformação social. O CEMINA foi uma das primeiras organizações a alinhar-se com esse propósito. Por isso criamos o Projeto Cyberela. Abraçamos duas vertentes: a de disseminação de conteúdo radiofônico na Internet através do portal **www.radiofalamulher.com** e a de capacitação de comunicadoras populares, que passaram a ser as Cinderelas do Ciberespaço, origem do nome Cyberelas. O foco de nossa ação era contribuir para que as Cyberelas usassem as TICs para aprimorar seus programas de rádio e a Internet para facilitar a troca de conteúdos entre o CEMINA e as outras participantes da Rede de Mulheres no Rádio.

Quando o tema da inclusão digital assumiu lugar central na política pública federal, articulamos o acesso à banda larga da Internet para um número significativo de Cyberelas. Isso permitiu, em seguida, a criação de telecentros, e estes, por sua vez, o acesso a Internet e a capacitação em informática para um significativo número de pessoas da comunidade em que estavam inseridos. Com isso as Cyberelas se tornaram agentes da inclusão digital no Brasil.

A associação rádio-telecentro tornou-se conhecida no mundo da inclusão digital como contribuição da iniciativa do CEMINA e vem se consolidando como um modelo que associa o poder de comunicação do rádio – uma tecnologia de fácil acesso e já muito difundida nas regiões mais remotas e de baixo IDH do Brasil – com a Internet, que facilita o acesso à comunicação e a troca de informações com o mundo.

Após duas décadas de inovação em prol da cidadania feminina, o CEMINA considera que a missão foi cumprida. Introduzimos uma tecnologia social que usa ferramentas com alto poder de educação e mobilização social, baixo custo e fácil utilização tais como o rádio e a Internet; capacitamos centenas de agentes nesse método e, mais importante, criamos um movimento de pessoas, em nosso caso específico de mulheres, que acredita em seu poder de mobilizar e transformar as realidades em que estão inseridas.

Muitas pessoas e instituições acreditaram em nossa visão ainda quando ela não tinha gerado os resultados hoje facilmente reconhecíveis. Sem esse apoio, as aventuras positivas e as lições aprendidas que compartilhamos neste relatório não teriam existido. Que a nossa ação possa inspirar a confiança nesses ideais, de forma que iniciativas em prol da transformação social se propaguem e cresçam mais e mais.

Para finalizar, queremos agradecer imensamente a iniciativa da Selulloid AG Comunicação por Conteúdo, especialmente dos “sponsors” desse projeto, Márcia Régis, Rodrigo Guimarães e Rodrigo Rodrigues. Sinto que somos todos elos de uma corrente positiva que acredita que a comunicação pode ser o vetor transformador de nossa civilização contemporânea.

Thais Corral / Fundadora e Coordenadora Geral do CEMINA

Conteúdo é o que interessa:

a luta continua...

Na década de 80, período de redemocratização e auge dos movimentos sociais, recém-formado em Comunicação Social, decidi rumar na corrente contrária da maioria dos meus colegas de faculdade, que partiram para a imprensa alternativa ou para a chamada "grande imprensa". Eu caí de cabeça no movimento político e partidário.

Era o auge do movimento sindical, da criação das organizações não-governamentais – ainda bastante desconhecidas do grande público, essas que viriam a ser as futuras ONGs –, dos movimentos pastorais e tantos outros que nasceram no período.

Uma dessas articulações se aliou particularmente à minha visão e formação acadêmica. O cenário era minha cidade natal, o Rio de Janeiro. Foi o Movimento pela Democratização dos Meios de Comunicação e, especificamente, a Associação de Realizadores e Entidades de Vídeo que, então, organizava suas reuniões na FASE, uma ONG voltada para a promoção dos direitos humanos, da gestão democrática e da economia solidária.

Foram vários anos dedicados a um grande volume de produção de audiovisuais de forte apelo ideológico, com discursos engajados. Mas alguma coisa em tudo aquilo que produzíamos não funcionava...

Uma dificuldade era ouvir aqueles para quem a informação se destinava. Havia a ausência de percepção de que o conteúdo ali apresentado deveria ser relevante, atraente e de qualidade e – por que não? –, deveria entreter também. Foi assim que, buscando um caminho que levasse à produção de soluções de comunicação, de fato, ao encontro do interesse do público, criei a Selulloid AG. E, com isso, o desenvolvimento do conceito de Comunicação por Conteúdo.

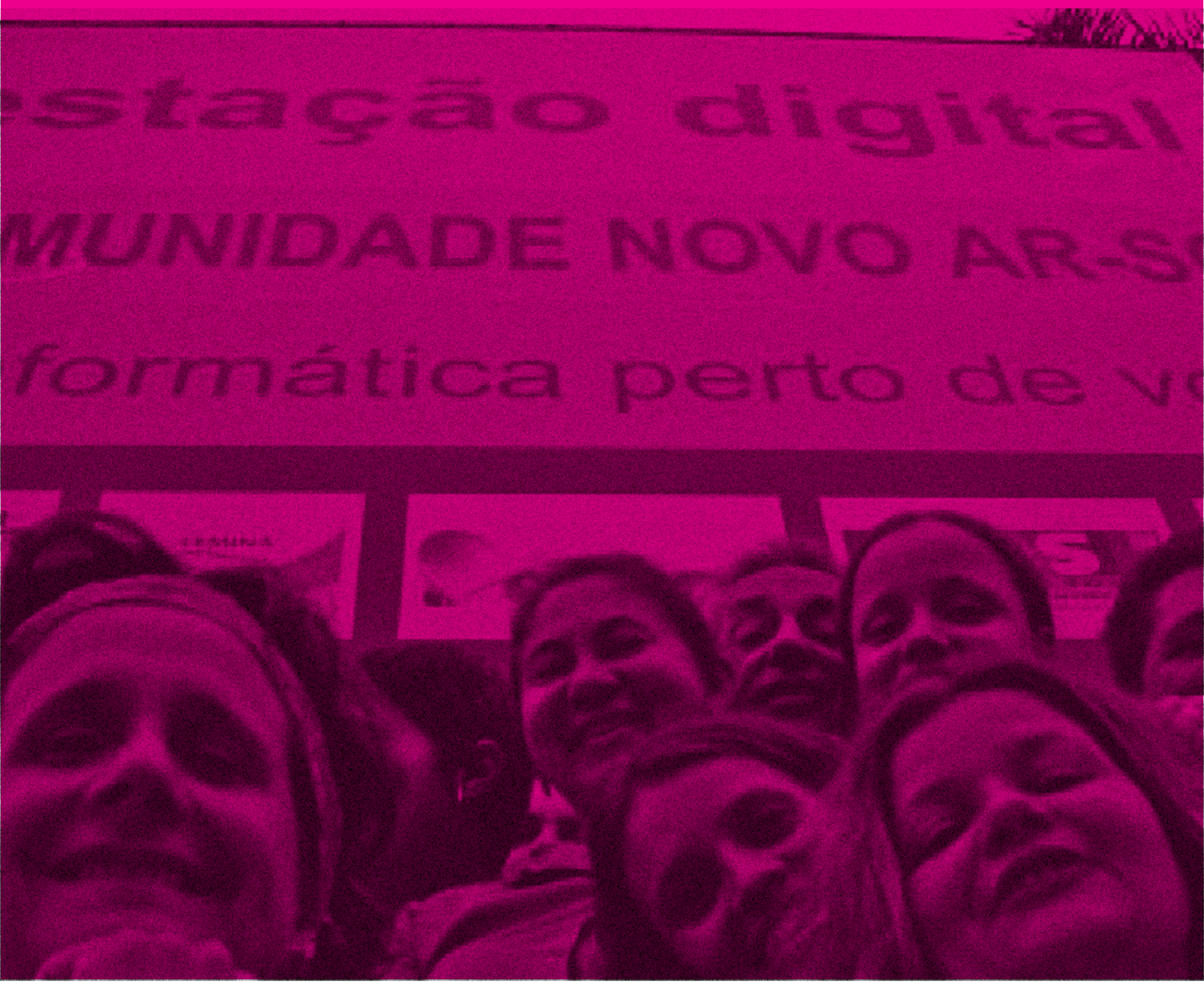
Passados esses 13 anos desde a fundação da empresa, acho que estou longe de achar que consegui meu propósito de levar, de verdade, leitores, ouvintes ou espectadores a relacionar-se com marcas e empresas, de modo que essa relação seja capaz de produzir conteúdos relevantes, que sirvam aos objetivos de uma mensagem corporativa. Disto trata a Comunicação por Conteúdo.

Hoje, a democratização da informação se torna realidade graças à revolução tecnológica, à pulverização dos canais de distribuição, à mobilidade, ao barateamento dos meios de produção e, principalmente, graças à capacidade que todos nós temos de gerar e acessar o conteúdo que, de fato, nos interessa. Conteúdo é o que interessa às comunidades que se beneficiam das tecnologias sociais trazidas por projetos como o da Rede Cyberelas, essas Cinderelas modernas que realizam nosso sonho de democratização e acesso à informação.

Pará nós, da Selulloid AG, conteúdo é o que interessa. Porque as pessoas contam e ouvem histórias. E gostam muito disso. As pessoas querem se entreter, querem interagir umas com as outras e também com o mundo. As Cyberelas sabem disso. A Comunicação por Conteúdo valoriza histórias e experiências que as pessoas desejam, que as entretenham, as informem e lhes sejam úteis. Não basta que elas ouçam, leiam ou assistam o seu recado. É preciso que elas se envolvam com a mensagem e transformem esse envolvimento em uma experiência inesquecível.

Flavio Rozemblatt / Diretor Geral da Selulloid AG

.02 HISTÓRICO



Monitor@s dos telecentros Rádio Comunidade de Friburgo e Novo Ar de São Gonçalo, Rio de Janeiro.

uma janela para o mundo

O CEMINA – Comunicação, Educação e Informação em Gênero é uma organização não-governamental sediada na cidade do Rio de Janeiro, com atuação nacional. Detém um modelo de tecnologia social que foi construído ao longo de duas décadas de trabalho com o apoio combinado e complementar de comunicação (através do investimento na utilização do rádio e de tecnologias da informação e da comunicação) e educação (fortalecendo a ação de mulheres como agentes educadoras para a qualidade de vida e transformação de suas comunidades).

MISSÃO

A missão do CEMINA é contribuir para que a comunicação e a informação incluam adequadamente a perspectiva de gênero e dos direitos humanos. Para alcançar esse objetivo, desenvolvemos linhas de ação que utilizam o potencial educativo e mobilizador do rádio e das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) para a produção de conteúdo, capacitação de recursos humanos e articulação em rede.

CRESCENDO, APRENDENDO, MULTIPLICANDO

No Rio de Janeiro, a história do CEMINA começou há duas décadas, em um período marcado pelo surgimento de organizações da sociedade civil que defendiam causas associadas aos direitos humanos, à cidadania e à qualidade de vida. O CEMINA surgiu com o propósito de dar voz e vez a mulher no rádio. A primeira iniciativa foi o programa Fala Mulher, lançado em 1988.

PÚBLICOS ESTRATÉGICOS

Mulheres
Agentes de saúde
Professores
Governos (local e nacional)
Sistema intergovernamental
Mídia

Durante 10 anos o programa chegou aos lares das mulheres cariocas. O foco editorial era o de dar visibilidade a projetos sociais, culturais e a demais ações de política articuladas pelo movimento de mulheres no plano nacional, estadual, local. Ao mesmo tempo o Fala Mulher justificou seu nome. Deu visibilidade ao que até então ficava circunscrito ao âmbito do lar: a dor das mulheres que eram vítimas da violência doméstica, o anseio de muitas donas de casa e empregadas domésticas – maioria da força de trabalho feminina no Brasil – de expressar-se, cultivar sua auto-estima, sentir-se parte do processo de mudança do país, sentir-se cidadãs.

Em sintonia fina, através das ondas do rádio, elas passaram a comunicar-se e a fazer parte de um movimento que ganhou força através dos anos, fazendo com que muitas das demandas das mulheres fossem transformadas em lei, em políticas públicas e em projetos empreendidos pelo setor privado e pelas organizações da sociedade civil.

O Programa Fala Mulher contou com o apoio de um núcleo de produções sempre atento às inovações necessárias para chegar perto, literalmente, até as ouvintes, fosse onde estivessem. Para isso, a produção criou um estúdio móvel, que transmitia o programa em comunidades localizadas remotamente.

Em poucos anos de prática, o Fala Mulher fez escola, tornando-se referência nacional. Vale lembrar que o rádio ainda é o instrumento de comunicação mais disseminado no Brasil – 84% da população usa este veículo como mídia de informação de massa. Em todo município, em grande parte dos vilarejos, é possível encontrar uma emissora de rádio e, mais importante, uma comunidade que se articula e se comunica através deste canal.

MAIS DE 300 CURSOS DE CAPACITAÇÃO FORAM REALIZADOS PELO CEMINA DESDE 1992.

No campo fértil de expansão da sociedade civil organizada e de democratização da mídia, não foi difícil para o CEMINA desenhar uma estratégia de expansão. Sistematizamos a visão e o modelo editorial do Fala Mulher e desenvolvemos uma pedagogia para replicá-lo, promovendo um treinamento para a prática de conteúdo e comunicação que levava em conta um público muito especial: o de mulheres que até então não tinham acesso a esse meio.

Ao longo dos anos, fizemos centenas de cursos de capacitação que se desdobraram em novos programas de rádio, semelhantes ao Fala Mulher, espalhados por todo o Brasil. Para alimentá-los, passamos a desenvolver conteúdos e campanhas. Alguns anos depois, já tínhamos nos tornado uma rede: A Rede de Mulheres no Rádio.

NÚCLEO DE PRODUÇÕES FALA MULHER

O Núcleo de Produções Fala Mulher concentra atualmente a produção de conteúdo radiofônico do Cemina. Elabora, produz e veicula programas de rádio, programas especiais temáticos e campanhas educativas. Desde 1992, a equipe do Cemina atua também na criação de programas especiais e campanhas específicas sobre saúde da mulher, direitos sexuais e reprodutivos, DST/AIDS, amamentação, violência contra a mulher, meio ambiente e direitos humanos. Esses produtos são distribuídos para emissoras de rádio de todo o país.

O Cemina também realiza campanhas para democratizar as recomendações geradas nas grandes conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) e para esta finalidade já atuou em parceria com agências de desenvolvimento internacional como UNIFEM, UNICEF e FNUAP.

REDE DE MULHERES NO RÁDIO

A criação da Rede de Mulheres no Rádio ocorreu em função da necessidade de dar uma identidade ao conjunto de iniciativas de mulheres-fazendo-rádio-para-mulheres que cresceu pelo Brasil afora. A Rede tinha outros objetivos também, como fortalecer o trabalho das comunicadoras e estimular a troca de experiências entre elas, além de promover estratégias de controle social. Chegou a contar com 400 participantes entre apresentadoras, produtoras, capacitadoras e lideranças locais, um grupo de apaixonadas pelas possibilidade infinitas de comunicação através do rádio. As participantes da Rede são mulheres originárias de todas as regiões do país, nascidas em diferentes extratos sociais, práticas religiosas e atuação em diferentes setores. Seus programas são veiculados em rádios comunitárias, emissoras educativas e comerciais.

CONTROLE SOCIAL – A REDE EM AÇÃO

Em 1998, a Rede de Mulheres no Rádio mostrou sua capacidade de ação e resultado em plano nacional. Contexto: a maior campanha que já se implementou no Brasil de saúde da mulher. Em vista da denúncia do Congresso de um alto número de mortes entre mulheres vítimas de câncer de colo uterino, o Ministro da Saúde lançou uma grande campanha nacional com o intuito de encontrar essas mulheres, submetê-las ao teste para detecção do câncer do cérvico uterino e depois, se necessário, tratá-las. Tudo isso teria que acontecer num prazo de seis meses.

A implementação da campanha, como era de se esperar, enfrentou muitos desafios, que se traduziam nas dificuldades de encontrar essas mulheres e mesmo de fornecer-lhes o tratamento. A Rede de Mulheres no Rádio teve um papel fundamental nesse processo. Através de seus programas de rádio, nossas comunicadoras fizeram chamadas e obtiveram resposta das potenciais beneficiárias da campanha, fazendo que os gestores do Ministério da Saúde destacassem esse papel especialmente importante que a Rede de Mulheres no Rádio desempenhou na campanha. A Rede mostrou, mais uma vez, seu potencial de mobilização e controle social.

PERFIL DA REDE

Durante 12 anos, de 1995 a 2007, o CEMINA atuou como Secretaria Executiva da Rede de Mulheres no Rádio, promovendo encontros bienais de suas participantes, promovendo cursos de capacitação, distribuição de material radiofônico e articulação de projetos específicos como o Projeto Cyberela. O perfil da Rede de Mulheres no Rádio é muito diversificado não só em termos geográficos, mas também quanto aos aspectos sociais, étnicos e aqueles relativos à faixa etária. Em comum, todas têm a meta de fortalecer a presença da participação feminina na sociedade, defender os direitos das mulheres e democratizar a comunicação nas ondas do rádio.

Para participar da Rede, a aspirante precisa estar associada a uma rádio, concordar com a “Carta de Princípios” e inscrever-se através de um formulário, além de ser aprovada por um Conselho Consultivo formando por participantes da Rede. Os encontros bienais têm o formato de seminários para o intercâmbio de experiências e aspirações.

SÍNTESE DA CARTA DE PRINCÍPIOS DA REDE DE MULHERES NO RÁDIO:

“Nosso objetivo é utilizar o potencial educativo do rádio em prol da igualdade entre os gêneros feminino e masculino e da democratização da comunicação e informação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de toda sociedade.”

“Temos como política preferencial promover a liberdade de acesso de qualquer ser humano à comunicação e à informação, promovendo a democratização de ambas.”

“Como uma articulação em rede, somos heterogêneas e, embora solidárias à defesa dos direitos das mulheres e da democratização da comunicação e informação, as opiniões expressas por cada uma de nossas integrantes serão devidamente assinadas e não se permitirá anonimato.”

O TERMO CYBERELA FOI CUNHADO PELAS PRÓPRIAS PARTICIPANTES DA NOVA REDE DO CEMINA PARA A INCLUSÃO DIGITAL DE MULHERES COMUNICADORAS: TRATA-SE DE UMA ABREVIAÇÃO PARA CINDERELAS DO CYBERSPAÇO.

A VONTADE É ENORME, O DESAFIO TAMBÉM

Desde 1992, o CEMINA realizou mais de 300 cursos de capacitação desenhados principalmente para três públicos estratégicos: comunicadoras populares que queriam aprimorar o conteúdo sobre gênero nas suas atividades radiofônicas; lideranças dos grupos de mulheres interessadas em aprender a utilizar o rádio como estratégia de mobilização para causas; redes de jovens para quem o rádio estimula a criatividade e o aprendizado de temas importantes para seu desenvolvimento.

Em muitos casos, os cursos de capacitação foram organizados em parceria com profissionais que trabalham nas áreas de amamentação, prevenção do câncer e AIDS, como também agentes de saúde, grupos jovens de hip hop, professoras do ensino básico e agentes comunitárias de áreas afetadas pela desertificação no Nordeste do país.

Além do conteúdo específico, com foco sobre o veículo rádio, os cursos ofereceram às participantes a oportunidade de produzir programas especiais, campanhas e radionovelas. Os cursos também faziam o marketing da Rede: com freqüência, os produtos gerados nas salas de treinamento refletiam a diversidade cultural e social do Brasil e, por esse motivo, ganhavam difusão regional através do empenho das próprias participantes.

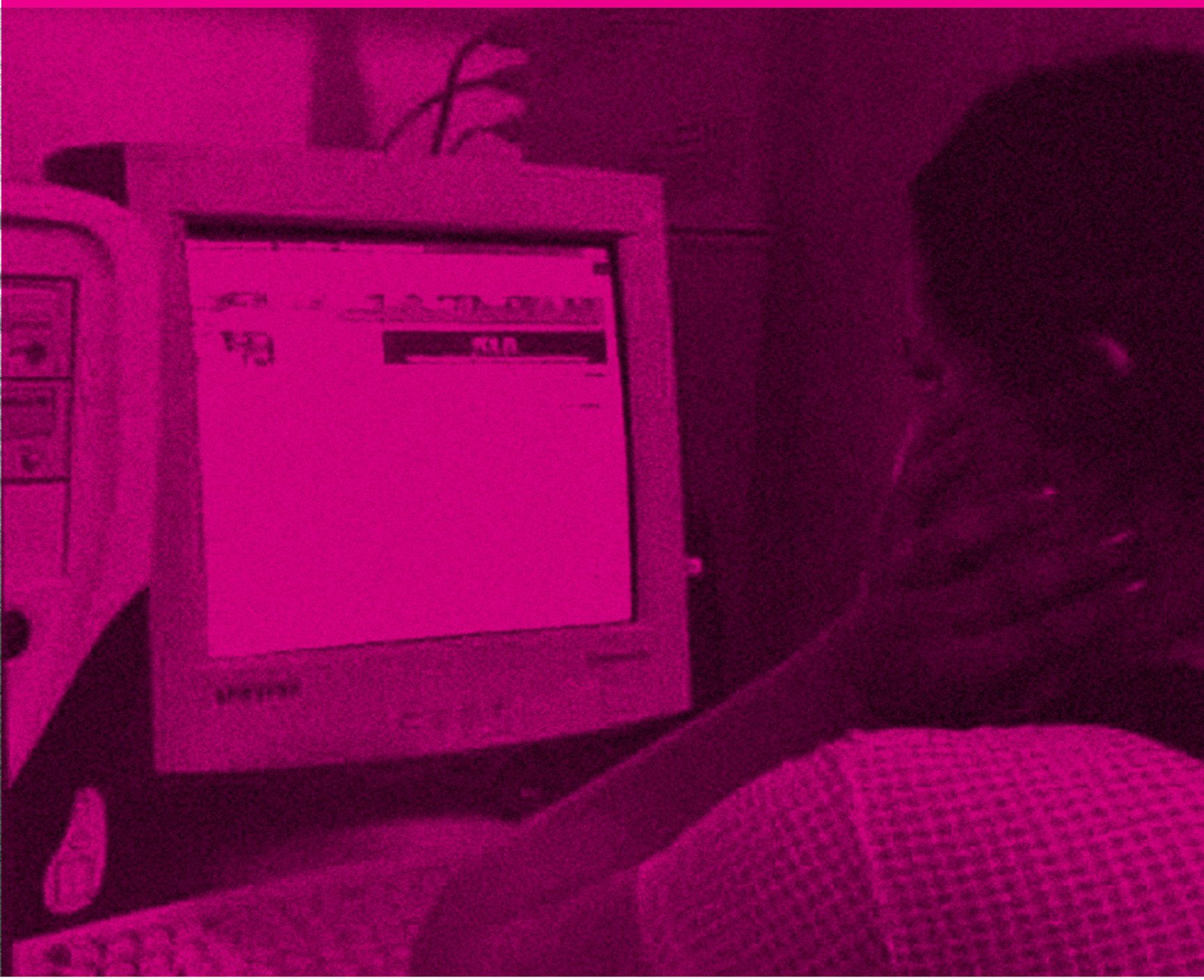
LEGENDA

EM TODO TEMPO E LUGAR

Num país continental como o Brasil, a necessidade de romper barreiras geográficas para alcançar públicos de interesse estimulou a criatividade do CEMINA. Era preciso capacitar comunicadoras em lugares remotos, carentes dos recursos disponibilizados por um estúdio de rádio. Era preciso também dar visibilidade aos programas de rádio desenvolvidos nos cursos de capacitação. Para isso, o CEMINA investiu na criação de uma rádio-estúdio móvel.

A Rádio Móvel Fala Mulher já percorreu o Brasil de Norte a Sul, sendo utilizada em capacitações e em transmissões em praça pública, que mobilizam o público local. A Rádio Móvel marcou presença em grandes eventos, como as comemorações do Dia Internacional da Mulher, o Fórum Social Mundial de Porto Alegre e a Arena de Responsabilidade Social de grandes empresas como a Petrobrás.

.03 INCLUSÃO DIGITAL



Usuária do telecentro Novo Ar em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, o primeiro telecentro inaugurado pelo Projeto Cyberela.

POR QUE EMBARCAMOS NESSA ONDA?

Ao longo das duas últimas décadas, as mulheres vêm conseguindo derrubar preconceitos e conquistar garantias de direitos humanos e sociais. Mas ainda se encontram à margem da sociedade de informação. No Brasil, 72% das mulheres nunca utilizaram um computador, 86% não tiveram contato com a Internet e 30% nem sabem do que se trata a rede mundial de computadores. Cerca de 26% das mulheres brasileiras são chefes de família.

A ONU posiciona a falta de acesso às tecnologias de informação em terceiro lugar entre os fatores de exclusão social – acima vêm a pobreza e a violência de gênero. A Associação para o Progresso das Comunicações – APC, através do seu Programa de Apoio a Redes de Mulheres, destaca a importância das mulheres estarem presentes em todos os níveis de acesso às TICs. Do contrário, poderemos assistir novas formas de marginalização das mulheres, um retrocesso das conquistas do movimento feminista no século 20.

O CEMINA acredita que o acesso às tecnologias da informação, por si só, não garante a igualdade de gênero. Mas a experiência demonstra que as TICs podem ser instrumentos valiosos para a promoção de mudanças sociais, pois possibilitam o estabelecimento de conexões entre mulheres de qualquer parte do mundo, em uma rede de comunicação na qual a troca e a disseminação de informações têm infinitas possibilidades.

O CASAMENTO DAS TICs

A proposta de usar a tecnologia para expandir e potencializar o enorme poder do rádio em falar diretamente a corações e mentes permaneceu no foco central da nova estratégia do CEMINA. O “Fala Mulher” tornou-se, então, uma rádio na Internet. Os programas e campanhas produzidos pelo CEMINA e distribuídos à Rede de Mulheres no Rádio, antes enviados às estações radiofônicas por meio de fitas cassete ou CDs por correio, hoje estão disponibilizados gratuitamente no site da Rádio Fala Mulher.Com (www.radiofalamulher.com),

A INCLUSÃO DIGITAL DE MULHERES TEM UM EFEITO MULTIPLICADOR, NA MEDIDA EM QUE AS MULHERES ENVOLVIDAS TENDEM A ENCORAJAR OUTRAS A SE HABILITAREM PARA O USO DAS TICs.

podendo ser ouvidos ou baixados gratuitamente por qualquer pessoa, uma contribuição para democratizar o conteúdo e o ciberespaço. A maior parte dos produtos radiofônicos que o CEMINA produziu desde 1992 estão disponibilizados online.

Os rádio-telecentros associam o poder mobilizador local do rádio com o amplo acesso à informações e comunicação da Internet. Trata-se de espaços físicos equipados com computadores que compartilham com a rádio uma mesma conexão à Internet. Nesses espaços, as atividades das rádios comunitárias se misturam com as de um telecentro, onde os computadores e a consulta à Internet são realizados gratuitamente pela comunidade local. Os telecentros são também utilizados para fins de capacitações, que podem incluir desde treinamentos de informática a cursos de pré-vestibular, entre outras possibilidades. As rádios colaboram na divulgação dos serviços da telecentro. As múltiplas ofertas de serviços dos rádio-telecentros têm caráter estratégico, pois fortalecem a inserção e a credibilidade das rádios comunitárias em suas respectivas áreas de influência. Juntos, rádio e Internet integrados, incentivam e promovem a inclusão digital e o desenvolvimento local.

O CEMINA implantou 15 rádio-telecentros no Brasil. Relembramos a seguir algumas etapas significativas desse processo:

- O programa Fala Mulher se transformou em uma rádio na Internet – www.radiofalamulher.com
- Foram realizados dois concursos dirigidos às 400 integrantes da Rede de Mulheres no Rádio, com o objetivo de selecionar 29 Cyberelas
- Cada uma das 29 Cyberelas recebeu um computador, softwares de edição de áudio, capacitação em montagem digital de programas de rádio, conexão à Internet e capacitação para lidar com a integração das duas mídias.

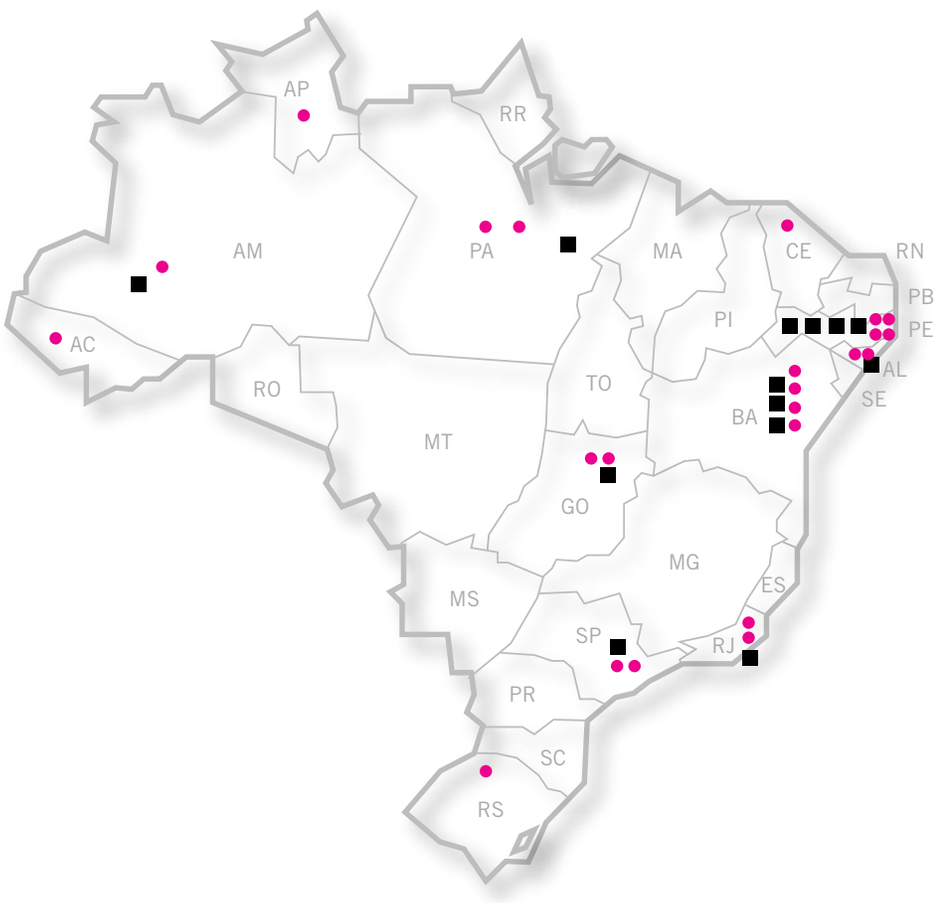
Do ponto de vista tecnológico, a união da rádio com a Internet melhora a qualidade sonora e técnica do áudio veiculado pelas emissoras. A edição torna-se mais precisa e a produção, como um todo, ganha em agilidade e conteúdo, já que o tempo economizado no trabalho permite o investimento em pesquisas, produção de vinhetas e criação de campanhas.

O uso do email proporcionou maior interatividade entre as participantes da rádio e entre

elas e outros públicos de interesse. Permitiu o acesso a fontes de informações e estabeleceu um canal direto de contato com instituições, fundações, prefeituras, secretarias de governo e potenciais apoiadores culturais. Entrar na web permitiu também realizar a propaganda dos rádio-telecentros, oferecendo a oportunidade de cada emissora manter seu próprio site na Internet.

ONDE ESTAMOS

A Rede Cyberela de Comunicadoras Populares é composta por 24 representantes – 15 delas lideram rádio-telecentros. Os projetos estão localizados em todas as regiões do Brasil, com abrangência maior no Norte e Nordeste.



CYBERELAS A FRENTE DE RÁDIO-TELECENTROS

Marla Carvalho – Olinda - PE
Adriana Gomes – Solidão – PE
Vandessa Rodrafe – Nazaré da Mata - PE
Eliane Nascimento – Palmares – PE
Nelma Pereira – Lençóis – BA
Rose Rios – Retirolândia – BA
Maria Alvina da Silva – Pintadas – BA
Valda Torres – Paulo Afonso – BA
Edilene de Oliveira – Macapá - AP
Fátima Santágata – Boca do Acre – AM
Ansleíria Rodrigues – Santarém – PA
Maria Betania Buarque – Campestre – AL
Tatiana de Souza – Boca da Mata – AL
Deuselina Teles – Cocalzinho de Goiás – GO
Graça Rocha – São Gonçalo – RJ

CYBERELAS QUE INTEGRAM A REDE

Rosmari Castilhos – Porto Alegre – RS
Geralda Ferraz – Goiânia – GO
Kelly Schulmann – Nova Friburgo – RJ
Ligia Kloster Apel – Rio Branco – AC
Lúcia Helena Martins – Belém – PA
Rachel Quintiliano – São Paulo – SP
Cleide Ferreira – São Paulo – SP
Leogivilda Bezerra – Fortaleza – CE
Ruth Lucimar Gomes – Rio Branco - AC

TERRENO SEGURO, UM PASSO ADIANTE

Nos últimos dois anos (2005-2007), o CEMINA concentrou esforços na consolidação do modelo rádio-telecentro, de modo a torná-lo referência de uma tecnologia social passível de aplicação por outras organizações e comunidades. Ilustramos etapas do projeto de inclusão digital e nossos respectivos parceiros:

ETAPA 1 (2002 - presente): Implantação do conteúdo radiofônico na Internet. Lançamento de um portal onde o material sonoro do CEMINA e da Rede de Mulheres no Rádio foi disponibilizado (www.radiofalamulher.com). Os principais patrocinadores e parceiros desta fase foram o Programa InfoDev (www.infodev.org) do Banco Mundial, a UNESCO, a Rede de Informação do Terceiro Setor (RITS) e, após 2004, a Fundação Kellogg.

ETAPA 2 (2002-2003): Inclusão digital das comunicadoras populares da Rede de Mulheres no Rádio, formando a Rede Cyberela. As Cyberelas foram capacitadas para utilizar as ferramentas da tecnologia digital no aperfeiçoamento de suas atividades de rádio, ampliando as possibilidades de disseminação de conteúdo através da troca de áudios via Internet. Os principais patrocinadores foram Programa InfoDev do Banco Mundial e a UNESCO.

ETAPA 3 (2003-2005): Facilitação de acesso à conexão de banda larga e a equipamentos (computadores, redes, programas) para a criação de telecentros associados às atividades comunitárias das rádios ligadas às Cyberelas. Os principais patrocinadores e parceiros desta fase foram a Fundação Kellogg, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento (que facilitou a conexão a banda larga através do programa GESAC – Governo Eletrônico de Serviço de Atendimento ao Cidadão), Banco do Brasil e Fundação do Banco do Brasil (que forneceram os equipamentos para instalação dos telecentros), UNESCO (que colaborou no desenvolvimento de materiais de capacitação e disseminação da estratégia) e a ONG Sampa.Org (que auxiliou nas capacitações para funcionamento dos telecentros).

ETAPA 4 (2005-2007): Consolidação do modelo "rádio-telecentro-liderado-por-mulheres". Com essa finalidade, desenhamos uma estratégia que implantou um conjunto de ações com a meta de demonstrar que o modelo é sustentável e pode ser replicado em outros lugares. Principais patrocinadores e parceiros desta fase foram a Fundação Kellogg, Oi Futuro e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

ACESSIBILIDADE EM DEBATE

Comunicação, ação comum: a equipe de gestores da Rede Cyberela – Thais Corral, Silvana Lemos, Ana Lamarca e Crispiano Ribeiro – conta o que aprendeu com as Cyberelas.

Um terço das mulheres brasileiras nem sabem do que se trata um computador. Como atrair o interesse desse público para o universo digital?

Thais: Esse foi o motivo pelo qual começamos pelo rádio. A articulação de mídias minimiza esse choque. O rádio é uma mídia que elas conhecem, usam. Ao compreender que a informática, a Internet e os softwares de edição de áudio podem ser utilizados para aperfeiçoar o trabalho com o rádio surgiu, em nosso caso, a motivação para aprender. O principal obstáculo para esse aprendizado é não entender para que serve "aquela" peça, o computador. A partir do momento em que a máquina é articulada a alguma coisa familiar, abre-se o processo de aprendizado para seu uso.

Silvana: O primeiro grande desafio é fazer com que elas percam o medo em tocar na máquina. Esta quebra de preconceito foi minimizada com a descoberta que o computador poderia facilitar o trabalho já desenvolvido no rádio. O ensino do uso do computador respeitando a dificuldade apresentada e incentivando as vantagens deste aprendizado foi imprescindível para que estas mulheres tivessem um upgrade no seu trabalho cotidiano e fizessem uma verdadeira revolução em suas vidas.

Ana Lamarca: Um modo de atrair é mostrar o computador como mais um meio de entender e interagir com o mundo no qual elas vivem. O computador torna possível a solução de problemas simples como a reimpressão de uma conta a ser paga, a pesquisa do endereço de um centro de saúde para atender a alguma necessidade, a inscrição no concurso para trabalhar na Prefeitura da Cidade. Enfim, apresentando a elas como o computador pode ajudar o dia-a-dia.

Crispiano: Precisamos mostrar a elas a importância do computador e da Internet nos dias de hoje e como essas ferramentas são úteis e podem auxiliar nas mais diversas situações. Como o que é novidade geralmente cria um certo receio e resistência, o estímulo deve ser feito através da demonstração de como essa nova realidade pode mudar a vida.

Quais são os maiores obstáculos que as mulheres excluídas digitalmente têm que enfrentar para operar um computador?

Thais: Muitas dessas mulheres tiveram acesso a uma educação deficiente. O uso do computador pressupõe uma base educacional prévia. Em muitos casos assistimos, porém, a verdadeiras revelações. Com a motivação de usar o computador e entrar na Internet, muitas mulheres acabaram aprendendo coisas que não sabiam.

Silvana: O maior obstáculo das mulheres, principalmente as que têm mais de 35 anos, é vencer o medo do uso da máquina. Elas têm medo de, ao manusear o computador, quebrar alguma coisa e por isto resistem em utilizá-lo.

Ana Lamarca: Elas têm dúvida sobre a capacidade de aprendizado. Muitas mulheres acham que computadores são máquinas de difícil operação e que isso é para os homens. Muitas ficaram surpresas com as facilidades, em compreender como o equipamento funciona, como são feitos os contatos, as conexões e como realmente é fácil de usar. Muitas vezes as questões mais técnicas não são interessantes para as mulheres, elas não se sentem capazes de aprender e aplicar noções e conceitos sobre rede elétrica, rede lógica, plano de contingência, rotinas de backup e segurança de dados e infra-estrutura. O afastamento delas se dá pela crença que é difícil e que é necessário chamar alguém que realmente entenda. Ao explicar e reforçar os conceitos notamos como a situação mudou para melhor.

Crispiano: Acho que os principais obstáculos são a pouca escolaridade, a baixa renda e a realidade local. Sem dúvida, considero o maior obstáculo a realidade local que, na maioria das vezes, não proporciona estímulos à inclusão digital de forma adequada.

Vocês são comunicadores profissionais e capacitadores de comunicadoras populares: o que aprenderam com as Cyberelas?

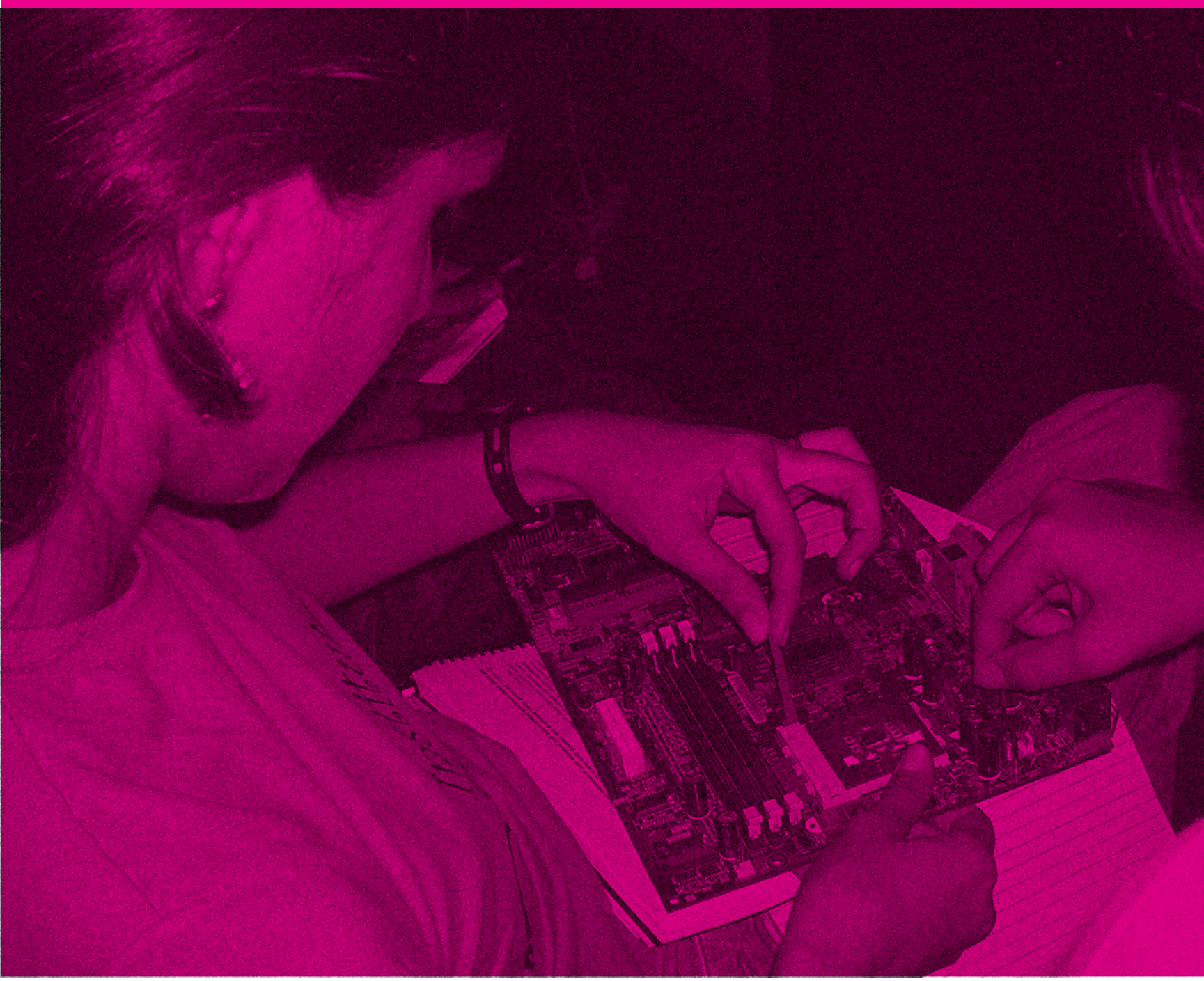
Thais: A vontade de participar do mundo, de incluir-se na sociedade da informação e, mais importante, de não ter acesso a esses privilégios sozinhas. Houve um grande empenho das Cyberelas em empreender os telecentros, que são esses espaços de acesso à comunidade. Elas têm vencido muitos obstáculos para torná-los viáveis. São, de fato, um exemplo de que não há idade para aprender e de que se há um propósito e interesse, coisas inimagináveis se tornam possíveis. Pessoalmente, aprendi que a aposta que fizemos no início se viabilizou.

Silvana: Aprendi que o acesso às novas tecnologias de comunicação e informação é uma ferramenta poderosa, que proporciona o empoderamento com reflexos em todas as áreas da vida destas mulheres. E que ao terem esta oportunidade elas não minimizaram esforços em compartilhar o aprendizado em suas comunidades. Tenho uma imensa admiração pela coragem, o empenho e dedicação que cada uma teve neste processo de inclusão e muita satisfação delas terem confiado e acreditado, mesmo sem saber ao certo, que esta oportunidade poderia transformar a vida delas.

Ana Lamarca: Há realmente uma janela de aprendizado na vida e que quando o tempo passa tudo fica mais difícil e depende muito mais de boa vontade do que de capacidade em si. Capacidade todos temos, a facilidade para aprender é que fica diferente com o passar do tempo.

Crispiano: Após conhecer várias realidades distintas e ver os obstáculos que essas mulheres são capazes de enfrentar com coragem, dedicação e vontade, definiria em uma palavra o meu aprendizado: superação.

.04 AS CYBERELAS



A Cyberela Tatiana de Souza Neves à frente do telecentro que lidera em Boca da Mata, no estado de Alagoas.

“Abóbora, nunca mais!”

Entre os 15 rádio-telecentros implementados pelo CEMINA, cinco foram selecionados como projetos-piloto de futuros empreendimentos comerciais – gráficas de conveniência, que têm por objetivo garantir a sustentabilidade tecnológica, econômica e financeira dos rádio-telecentros a longo prazo. As cinco Cyberelas que aceitaram o desafio de alcançar as metas do projeto-piloto de sustentabilidade – para depois replicar a experiência com as outras Cyberelas –, relatam os desafios e as conquistas registradas desde que se tornaram promotoras da inclusão digital em suas comunidades.

Vandessa Rodrafe / Nazaré da Mata - PE

Início das operações do rádio-telecentro: 04/11/2004

Gestão: O telecentro e a rádio são geridos pela AMUNAM – Associação das Mulheres de Nazaré da Mata, através do programa de Tecnologia da Informação e Comunicação. Conta com a parceria da Piernet (provedor gratuito de Internet) e da Z Micro Informática (manutenção dos micros sem custo algum, salvo na necessidade de reposição de peças).
Acesso: 600 acessos semanais
Atividades: Curso de informática básica e curso de montagem e manutenção de micros.

“Nos últimos cinco anos, desde que me tornei uma Cyberela, ganhei amadurecimento, aumento da autoconfiança e crescimento profissional ao realizar um projeto dessa grande importância não só para a minha comunidade, mas para todo o país, promovendo a inclusão social através da possibilidade de inclusão digital. Aprendi que existe uma gran-

de diferença na informatização entre os países, entre as regiões de cada país e entre as pessoas, considerando sua classe social e idade. A população não ligada a Internet tem sua participação na vida política limitada, porque a Internet tem se tornado o centro das atividades políticas. Nosso projeto promove a educação em Tecnologias da Informação enquanto ambientes comunicacionais e de exercício da cidadania na sociedade contemporânea. Gostaria de resumir minha experiência em uma frase de autoria de Alexandre Rangel: o conhecimento humano é a herança da humanidade e a origem da criação de todo conhecimento novo´´.

Maria Betania Buarque / Campestre – AL

Início das operações do rádio-telecentro: 29/11/2004

Gestão: Apoio pelo comércio e associações locais. Secretarias Municipais, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, Conselho Tutelar, Igreja e Sindicato dos Trabalhadores Rurais dão apoio cultural, doam suplementos e material de consumo, além de recomendações de soluções de melhoria dos serviços prestados. As atividades são planejadas pela coordenação do rádio-telecentro com auxílio do Conselho Comunitário da Rádio e Gestor do Telecentro.
Acesso: freqüência média de 450 usuários (7% da população do município) – 40 em cursos diários, 30 em cursos semanais, 200 em acesso e 180 em atendimento ao cidadão.
Atividades: Cursos e acessos a MSN, Orkut, pesquisas escolares, jornais, EaD, compras, recitais, Chats.

"De uma simples Beta, para Cyberela Betânia. Tudo mudou na minha vida desde que me tornei uma Cyberela: minha vida pessoal e profissional, a maneira de encarar tudo e de lidar com as pessoas. Aprendemos muito sobre o o cenário nacional; cada encontro nosso era um aprendizado do qual saía mais preparada para enfrentar o mundo exterior; pronta para desenvolver novas ações com mais potencialidade. Temos hoje espírito empreendedor e encontramos na família CEMINA a mola propulsora para desenvolver nossa capacidade de liderança. Conseguimos gerar rendas, salvar vidas, difundir cultura, incluir nossa gente digitalmente e elevar o nome desta remota comunidade, em parte, até para o mundo, pela força da comunicação. Vejo nossa população feliz: a cada semana compra-se um computador na cidade, a cada ocasião capacitamos um jovem e

conseguimos o melhor, que é o atendimento ao cidadão, serviços que prestamos e que resolvem hoje 90% dos problemas burocráticos da comunidade aqui, em nosso telecentro. Simplicidade, companheirismo, interação, responsabilidade, pontualidade, critérios éticos, liderança e adequação à Gestão dos Negócios da rede Cyberelas foram lições que aprendemos com muita garra. Tudo era novo para mim. Ser Cyberela me fez ter outra cabeça. O que teria feito diferente? Não teria me preocupado tanto com as viagens ao Rio de Janeiro!"

Tatiana de Souza Neves / Boca da Mata – AL

Início das operações do rádio-telecentro: 16/02/2006

Gestão: É uma atividade independente. O telecentro conta com um coordenador e três colaboradores. Não existe um conselho gestor, porém realizamos reuniões regulares com os usuários, a fim de discutir o melhor aproveitamento do espaço. Contamos ainda com encontros onde os parceiros e a representatividade da Rádio se faz presente. Temos o apoio de organizações locais tais como Projeto Girassol, Rádio Comunitária, Projeto Plantando Futuro, Prefeitura, Conselho Municipal da Criança e Adolescente, Secretaria de Educação, igrejas, comércio local e Secretaria de Ação Social.
Acesso: 70 usuários diariamente; 20 usuários no curso básico semanalmente; 50 usuários para acesso direto a Internet mensalmente; 15 usuários para consultas de multas de trânsito, compras online e outros serviços, mensalmente.
Atividades: Pesquisas e consulta a sites do governo, emissão de contas, MSN, Orkut, sites educativos para crianças, compras on-line, consultas de situação fiscal, multas do Detran, intercâmbio com outras comunidades através de comunidades na Internet.

"Este trabalho revolucionou minha vida em crescimento profissional e pessoal; me sinto mais segura para encarar os problemas do dia a dia e me relacionar com as pessoas, conhecer pessoas novas, dividir e trocar experiências, e vencer algumas dificuldades. É gostoso você se relacionar com o público, poder passar para as pessoas aquilo que você aprende nas capacitações recebidas. Uma coisa aprendi muito fortemente: sempre supere limites e dificuldades com muito amor e determinação."

Maria Alvina da Silva / Pintadas – BA

Início das operações do rádio-telecentro: 06/12/2004

Gestão: O telecentro tem o apoio do centro comunitário de serviços de Pintadas, Sicoob Sertão, Secretaria de Educação, Secretaria de Ação Social, Associação Pe. Ricardo e Cine Relhuz. O conselho gestor é constituído por um membro de cada entidade
Acesso: 50 crianças do projeto "Aprendendo com a diversidade"; 15 crianças do "Clube de leitura"; 10 adolescentes do projeto "Renascer"; 5 agentes comunitários; 12 mulheres; 33 jovens da "Escola de Fábrica" – trabalhamos com esses grupos duas vezes por semana. Mensalmente são 107 usuários de Internet.
Atividades: Pesquisas em geral

"Ser Cyberela me proporcionou a mudança até de valorização pessoal, e também minha visão de gestão. Trouxe-me empoderamento, a oportunidade de viajar e conhecer novas pessoas. Ser incluída digitalmente me deu poder de articulação. Aumentei ainda mais a confiança em mim mesma, senti-me capaz de articular com pessoas de qualquer nível acadêmico. Minha lição: nada é maior do que a solidariedade, do que o compromisso, do que o amor, por isso a gente não agradece, se alegra."

Nelma Pereira / Lençóis – BA

Início das operações do rádio-telecentro: 12/2004

Gestão: O telecentro é integrado à gestão da Associação Avante; o conselho gestor é a Assembléia Geral e a coordenação executiva realiza a administração.
Acesso: não temos indicadores.
Atividades: Salas de bate papo, pesquisas escolares e MSN.

"Ganhei conhecimento tecnológico e político com este projeto da Rede Cyberela. Ampliei minha rede de amigos e outros contatos. Dinamizei minha atuação no espaço sociopolítico do município, me coloquei no cenário da inclusão digital. Considero um desafio a gestão compartilhada de um negócio sustentável, mas em uma palavra resumiria minha experiência até o momento: Transformação."

As Cyberelas Tatiana de Souza Neve, de Boca da Mata (AL) e Vandessa Rodrafe, de Nazaré da Mata (PE), no curso de manutenção de computadores

PALAVRA DOS PARCEIROS

A implementação da estratégia de inclusão digital do CEMINA tornou-se possível graças ao empenho e patrocínio de um conjunto de parceiros que, movidos pelos ideais do desenvolvimento sustentável da sociedade brasileira, perceberam o valor que a Rede Cyberela viria agregar à promoção da inclusão digital no Brasil.

APOIADORES

- **Rede de Informações para o Terceiro Setor – RITS**
- **Sampa.org**
- **Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento**
- **GESAC – Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão**
- **Banco do Brasil**
- **Fundação Banco do Brasil**

FINANCIADORES DO PROJETO

- **Fundação Kellogg**
- **Programa InfoDev do Banco Mundial**
- **UNESCO**
- **Oi Futuro**
- **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**
- **Mediators Foundation**
- **Global Giving**

“O principal diferencial do projeto da Rede Cyberela é ser liderado por mulheres que, em geral, têm elevada sensibilidade social e alto nível de compromisso político e engajamento em suas lutas sociais. Este projeto de inclusão digital amplia o acesso à informação e a serviços que hoje são disponíveis aos cidadãos na grande rede Internet. Além disso, dinamiza a rede de trocas orgânicas que ocorrem entre os atores sociais mobilizados em todas as comunidades partícipes. A Fundação Banco do Brasil apoiou as Cyberelas e sentiu-se apoiada por elas. Nossa principal motivação nessa parceria foi a possibilidade de troca e ganhos mútuos em termos de ação social.”

Marcos Fadanelli / Gerente da Área de Educação e Cultura,
Fundação Banco do Brasil

“A Rede Cyberela tem um componente bastante original, que é a capacidade de unir o trabalho de gênero ao de rádio e Internet. Isto nos pareceu interessantíssimo apoiar, somado ainda à capacidade delas de estruturar a rede com pessoas profundamente comprometidas com a comunidade em que atuam.”

Rodrigo Assumpção / Secretário-adjunto de Logística e Tecnologia
da Informação e Coordenador do Comitê Técnico de Inclusão Digital
do Ministério do Planejamento

SUSTENTABILIDADE

O período 2005-2007 foi marcado pela meta de transformar os rádio-telecentros em empreendimentos sociais, capazes de continuar proporcionando os benefícios sociais advindos do acesso à Internet, capacitações e outras atividades, gerando ao mesmo tempo os recursos financeiros necessários para manter seu funcionamento.

Com o objetivo de orientar essa estratégia, o CEMINA elaborou uma análise de riscos e oportunidades (SWOT) em cinco telecentros, selecionados entre os 15 que fazem parte da Rede Cyberela, para testar o potencial de sustentabilidade dos mesmos a longo prazo. Foram evidenciadas três questões fundamentais:

- manutenção dos computadores: os telecentros, em geral, não contam com recursos humanos habilitados para dar conta da tarefa;

- viabilidade financeira: os telecentros não conseguem pagar as contas apenas com os recursos provenientes dos cursos de informática. Vale lembrar que o contrato de gratuidade da antena GESAC concedida pelo governo implica em que o acesso à Internet seja gratuito para a população local;

- retenção de funcionários no projeto do telecentro: é fato que quando o pessoal capacitado pelo telecentro se destaca localmente, acaba migrando para um emprego melhor remunerado, quase sempre na Prefeitura local.

A partir dessa análise, o CEMINA formulou uma estratégia a ser testada em cinco rádio-telecentros selecionados para tal: Nazaré da Mata (PE), Boca da Mata (AL), Campestre (AL), Pintadas e Lençóis (BA).

SUSTENTABILIDADE TECNOLÓGICA

A sustentabilidade tecnológica foi trabalhada através do desenho e implementação de um currículo que aborda a gerência de ambientes computacionais e a manutenção de computadores.

A capacitação em gerência de ambientes computacionais foi planejada de modo a capacitar a equipe dos rádio-telecentros para solucionar problemas de infra-estrutura, rede elétrica, rede lógica, contingências e telefonia. O curso de capacitação foi on-line, via MSN, ministrado em 12

encontros. Um blog (http://blog.CEMINA.org.br) foi criado para disponibilizar o conteúdo destes encontros, assim como textos e dicas de serviços que podem auxiliar as Cyberelas e seus parceiros.

A capacitação para manutenção de computadores foi ministrada localmente num curso customizado para a necessidade e o nível de cada um dos telecentros. A clientela do curso foi principalmente de mulheres adultas e jovens e o objetivo, além de habilitá-las para colaborar na manutenção dos computadores do telecentro, foi também o de conceder-lhes um instrumento de geração de renda.

Oito meses depois do investimento nesta iniciativa, as Cyberelas e suas equipes locais demonstraram maior controle do seu "parque tecnológico" prevenindo os possíveis danos, ganhando agilidade para contornar defeitos e reduzindo o tempo de máquinas paradas por defeito de uso, garantindo assim a continuidade do atendimento prestado pelo telecentro e o funcionamento mais eficaz.

SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA

A sustentabilidade econômica e financeira dos rádio-telecentros tornou-se o principal foco das atividades do CEMINA nos últimos 12 meses. A experiência mostrou que os recursos provenientes do acesso a Internet e dos cursos de capacitação em informática ministrados pelos telecentros não eram suficientes para cobrir as despesas de luz, pessoal, limpeza, manutenção de equipamentos geradas pelo telecentro. Visto isso, o CEMINA partiu para uma pesquisa em busca de atividades econômicas que pudessem ser compatíveis com os rádio-telecentros. Identificamos que a instalação de uma gráfica de conveniência poderia ser uma boa opção. Segundo o cenário traçado pela ABIGRAF (Associação Brasileira da Indústria Gráfica), os negócios de gráficas tradicionais estão incorporando as tecnologias digitais e novos mercados como transparências, pôsteres e impressões em pequenas tiragens. O mercado do Nordeste, onde a maior parte dos rádio-telecentros está localizada, é forte em formulários e panfletos.

Crispiano Ribeiro, do CEMINA, capacitando a equipe do Telecentro do Avante de Lençóis, na Bahia.

Uma parceria com a Oi Futuro (ex-Instituto Telemar) viabilizou os recursos para a compra das impressoras e um curso de capacitação para o uso dos equipamentos em cada uma das localidades. Criaram-se os centros de serviços de gráficas de conveniência, Cyberela Comunicações.

Fortalecemos muito junto às Cyberelas os aspectos relativos a gestão de pessoas e de recursos, de modo a corrigir o obstáculo de descontinuídade dos colaboradores do telecentro.

Também houve bastante empenho por parte do CEMINA em articular o repasse de doações de programas de responsabilidade social de empresas, via a dedução de impostos, através instrumentos permitidos pela lei. É regulamentada a dedução de 2% do imposto de renda para doações a projetos locais, através do Fundo Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente.

Acredita-se que estas iniciativas, articuladas, sejam capazes de tornar os rádio-telecentros auto-sustentáveis.

.05 INVESTIMENTO SOCIAL

Locutora do programa de jovens da Rádio Novo Ar, São Gonçalo (RJ).

Quem, como, quando

O histórico do CEMINA registra um apoio e patrocínio financeiro e operacional de muitos agentes que ajudaram a viabilizar os projetos, programas e iniciativas. Em função da complexa articulação necessária para viabilizar um projeto de cunho social como o nosso, é muito difícil contabilizar todo o investimento feito no projeto, sobretudo porque muitos desses recursos não foram concedidos unicamente através de dinheiro – mas, somados, foram recursos fundamentais.

• O Programa Fala Mulher teve o apoio da Frauen Ansfftung, que depois se tornou Fundação Heinrich Boell. Fundação alemã, ligada ao Partido Verde, foi a principal doadora institucional do CEMINA.

• Os Cursos de Capacitação do Rádio e a produção de conteúdo radiofônico contaram com o patrocínio de agências das Organizações das Nações Unidas (ONU) tais como UNIFEM (Fundo das Nações Unidas para a Mulher), UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Criança) e UNESCO, como também da Fundação MacArthur, Fundação Doen da Holanda, Fundação Cariplo da Italia, Global Fund for Women e muitos outros doadores.

• Os encontros da Rede de Mulheres no Rádio contaram com a contribuição da FASE e da UNESCO.

• O Projeto de Inclusão Digital e da Rede Cyberela contou com a contribuição da Rede de Informações para o Terceiro Setor – RITS, Sampa.org, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento, GESAC – Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão, Banco do Brasil, Fundação Banco do Brasil, Programa InfoDev

do Banco Mundial, Fundação Kellogg, UNESCO, Oi Futuro e Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Global Giving e Fundação Mediators.

Agradecemos a tod@s esses e essas parceir@s, especialmente à equipe do CEMINA, que abraçou com garra e qualidade idéias transformadas em projetos de ação nem sempre de fácil implementação. Nosso reconhecimento dirige-se especialmente a Silvana Lemos – que durante os últimos cinco anos dedicou amor e paciência de forma a manter a Rede Cyberela motivada e fortemente envolvida no projeto – e a Denise Viola, que soube como ninguém sensibilizar os corações de mulheres de todo o Brasil, motivá-las a soltar a voz e muitas vezes a "botar a boca no mundo", de modo a transformar as situações de injustiça em que estavam inseridas.

Agradecemos à Rede de Mulheres no Rádio, à Rede Cyberela e às comunidades com as quais trabalhamos pelo investimento recebido, sem o qual não teríamos alcançado os importantes resultados obtidos ao longo de duas décadas de nossa existência. E é com a participação e o envolvimento de todos que estamos certos de alcançar a sustentabilidade e a multiplicação das rádio-telecentros nos próximos anos.

Agradecemos também aos participantes do Conselho Diretor, Fiscal e Consultivo do CEMINA, pessoas que investem sua credibilidade na missão e na estratégia do CEMINA, que confiaram em nosso projeto.

PRÊMIOS

Ao longo de duas décadas de história, o trabalho realizado pelo CEMINA mereceu diversas distinções concedidas por empresas e instituições de renome internacional. O reconhecimento divulga e legitima a experiência da organização, beneficiando hoje toda sua rede de comunicadoras populares. Os prêmios concedidos especificamente à Rede Cyberela colaboraram para que as rádio-telecentros ganhassem cada vez mais espaço em mídias do terceiro setor e na grande imprensa, auxiliando as gestoras a mobilizar recursos para suas respectivas unidades.

Prix Ars Award of Distinction, Digital Communities, concedido pela Ars Electronica (www.aec.at) em reconhecimento ao Projeto Cyberela – Rádio-Telecentros. Setembro de 2006

Prêmio Betinho de Inclusão Digital, concedido pela APC Associação para o Progresso

das Comunicações (www.apc.org) em reconhecimento pela aplicação criativa das TICs na redução das desigualdades sociais. Dezembro de 2005

Finalista do Prêmio Metas de Desenvolvimento do Milênio, concedido pelo Governo Federal e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (www.pnud.org.br). Dezembro de 2005

Knight Ridder Equality Tech Awards, concedido pelo Tech Museum (www.techmuseum.org). O prêmio é considerado o Oscar de Silicon Valley e seleciona, anualmente, organizações ao redor do mundo que aplicam tecnologia em prol do desenvolvimento. Cinco finalistas são escolhidas nas áreas de meio ambiente, desenvolvimento econômico, educação, eqüidade social e saúde. O CEMINA e sua fundadora Thais Corral receberam o prêmio na área de eqüidade social. Novembro de 2005

Prêmio Instituto Telemar. O CEMINA foi a organização vencedora do prêmio nacional como reconhecimento da inovação em inclusão social. Dezembro de 2004

Prêmio UNESCO. O CEMINA foi a organização vencedora do prêmio nacional de Comunicação. Novembro de 2003

Prêmio Dubai Internacional. O trabalho do CEMINA na promoção da cidadania das mulheres através do rádio foi reconhecido como boa prática. Novembro 2002

Menção honrosa. Concurso "A Toda Voz", concedido pela Rede de Mulheres AMARC e pelo UNIFEM. Agosto de 2000.

Prêmio Cláudia 1999, concedido pela Revista Claudia/Editora Abril a Thais Corral e Madalena Guilhon, coordenadoras do CEMINA, pela estratégia do CEMINA em prol da cidadania feminina no Brasil. Outubro de 1999.

Moção de Louvor e Congratulações concedida pela Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro ao programa Fala Mulher. Setembro de 1999.

Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo 1988, Categoria Rádio. O programa Meninas do Brasil, do Fala Mulher, foi classificado entre os cinco finalistas. Abril 1999.

O programa Alice no País das Maravilhas foi o primeiro colocado no concurso ***"Como Imaginar um Mundo sem Discriminação contra as Mulheres"*** promovido Rede de Mulheres da AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias e pelo UNIFEM - Fundo das Nações Unidas para a Mulher - Região Andina. Maio de 1998.

GOVERNANÇA DO CEMINA

Diretoria
Maria Aparecida Schumaher
Maria Madalena Ferreira Guilhon Macieira de Barros
Thais Rodrigues Corral

Conselho Fiscal
Diomar Silveira
Rita de Cássia Lima Andréa
Samyra Crespo

Conselho Consultivo
Alzira Rufino
Ana Penido
Amália Eugenia Fischer Pffaefle
Carla Rodrigues
Carlos Alberto Afonso
Márcia Silveira Gama
Marcio Ruiz Schiavo
Mário Chizuo Osava
Regina Festa
Sueli Carneiro

EQUIPE-RESPONSÁVEL PELA IMPLEMENTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE RÁDIO E TICs DO CEMINA (EM ORDEM ALFABÉTICA):

ANA LAMARCA / Consultora de tecnologia do projeto de inclusão digital do CEMINA, colaborou no desenho das ações de sustentabilidade tecnológica e ecônomica dos rádio-telecentros.

BRUNO BORGES / Webmaster e responsável pelo suporte técnico da rádiofalamulher.com e da Rede Cyberela.

CRISPIANO RIBEIRO / Webmaster e técnico em informática, responsável pela capacitação em informática e tecnologia da Rede Cyberela.

CHARLES SIQUEIRA / Consultor responsável pela capacitação na implantação das gráficas de conveniência.

DENISE VIOLA / Editora e apresentadora do Programa Fala Mulher de 1993 a 2004. Editora do RadioFalaMulher.com

ELZA LOURES / Suporte à equipe do CEMINA no desenvolvimento dos produtos de comunicação para a Rede Cyberela e a para a Rede de Mulheres no Rádio

FÁBIO ACM / Sonoplasta das produções radiofônicas do RadioFalaMulher.com e coordenador das ações de rádio do CEMINA voltadas para a jovens (http://www.njrc.org.br).

KATIA CLARA COSTA E SIMONE LUNA / Administração financeira dos projetos

MADALENA GUILHON / Jornalista, fundadora e coordenadora do CEMINA, responsável pela secretaria executiva da Rede de Mulheres no Rádio.

MARIA DA GUIA / Suporte à equipe do CEMINA, à Rede Cyberela e à Rede de Mulheres no Rádio.

SILVANA LEMOS / Coordenadora da Rede Cyberela. Seu trabalho consiste em coordenar a implementação das ações do projeto de inclusão digital do CEMINA junto a Rede Cyberela. Participou do projeto desde o seu início tendo tido papel destacado na implementação do projeto.

THAIS CORRAL / Fundadora do CEMINA e coordenadora geral da organização. Ideadora da estratégia de inclusão digital que associa rádio à internet e articuladora das parcerias que viabilizaram o projeto.

.06 LEGADO

Liliane da Silva Moraes, Cyberela atuante em Macapá (AP).

O CEMINA é hoje uma das organizações do terceiro setor com reconhecido trabalho de inclusão digital de mulheres no Brasil. Criou um modelo que associa o rádio às tecnologias da informação e da comunicação, fortalecendo a capacidade de comunicadoras de serem, ao mesmo tempo, beneficiárias e agentes desse modelo.

Superamos muitos obstáculos que, nos primeiros anos de trabalho, pareciam intransponíveis, tais como:

• Conseguir a conexão de banda larga para lugares remotos do Norte e Nordeste do Brasil, ou mesmo da periferia dos grandes centros urbanos, locais de pouco interesse comercial para os grandes provedores da Internet. Isso exigiu que o CEMINA articulasse parcerias institucionais e que demonstrasse que sua estratégia tinha potencial para gerar resultados.

• Motivar comunicadoras populares para que se engajassem nesse novo desafio e assumissem responsabilidades, aprendendo novas habilidades e se articulando para disponibilizá-las como um novo projeto social para suas comunidades.

• Introduzir a visão de sustentabilidade social, econômica e tecnológica dos rádio-telecentros, trabalhando junto às Cyberelas, suas organizações e as equipes dos telecentros, esse novo conceito de atuar socialmente a partir de uma visão empreendedora, que gera recursos financeiros para manter o benefício social.

Em grandes linhas, essas conquistas se concretizaram em 15 rádio-telecentros e, mais especificamente, nos cinco pilotos que seguimos de perto nos últimos dois anos nos estados de Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Nosso aprendizado é múltiplo. Acreditamos hoje que é possível obter resultados através da mobilização dos recursos locais existentes. E que o rádio, por já existir nas comunidades, é o meio de mais fácil acesso e interação, aquele que as donas-de-casa podem ouvir e participar enquanto permanecem em seu mundo e imersas em seus afazeres.

Compreendemos que a inovação depende muito mais de como os recursos são articulados e de como a população local recebe processos novos, e bem menos de estratégias mirabolantes e insustentáveis a longo prazo.

O trabalho em rede permitiu que a sustentação de nossa visão não ficasse circunscrita ao CEMINA, de modo que mais organizações e comunicadoras entendessem, abraçassem e se engajassem em nossa missão.

Integramos as tecnologias de informação e comunicação à nossa estratégia de trabalho com o rádio no momento em que as políticas públicas brasileiras e o cenário mundial apontavam a possibilidade de sustentar essa visão – soubemos aproveitar uma tendência global.

Estamos cientes, no entanto, que nosso maior desafio futuro continua a ser a sustentabilidade econômica dos rádio-telecentros: pagar salários para manter o pessoal capacitado, cobrir custos de manutenção das máquinas e renová-las, ampliar o propósito do empreendimento e o benefício para a comunidade.

A estratégia da instalação das gráficas de conveniência certamente representa um passo significativo e que deve ser alimentado. Vai exigir perseverança e foco. Mas a experiência dos últimos cinco anos mostra que é um projeto possível. Para isso, esperamos que mais parceiros acreditem e assumam as Cyberelas como um projeto rentável e vencedor.

São Paulo, 3 de julho de 2007

CEMINA - Comunicação, Educação e Informação em Gênero

Certificada como Organização Não Governamental de Utilidade Pública Federal

Rua Alvaro Alvim, 21/16º andar - Rio de Janeiro, RJ 20031-10 - Brasil

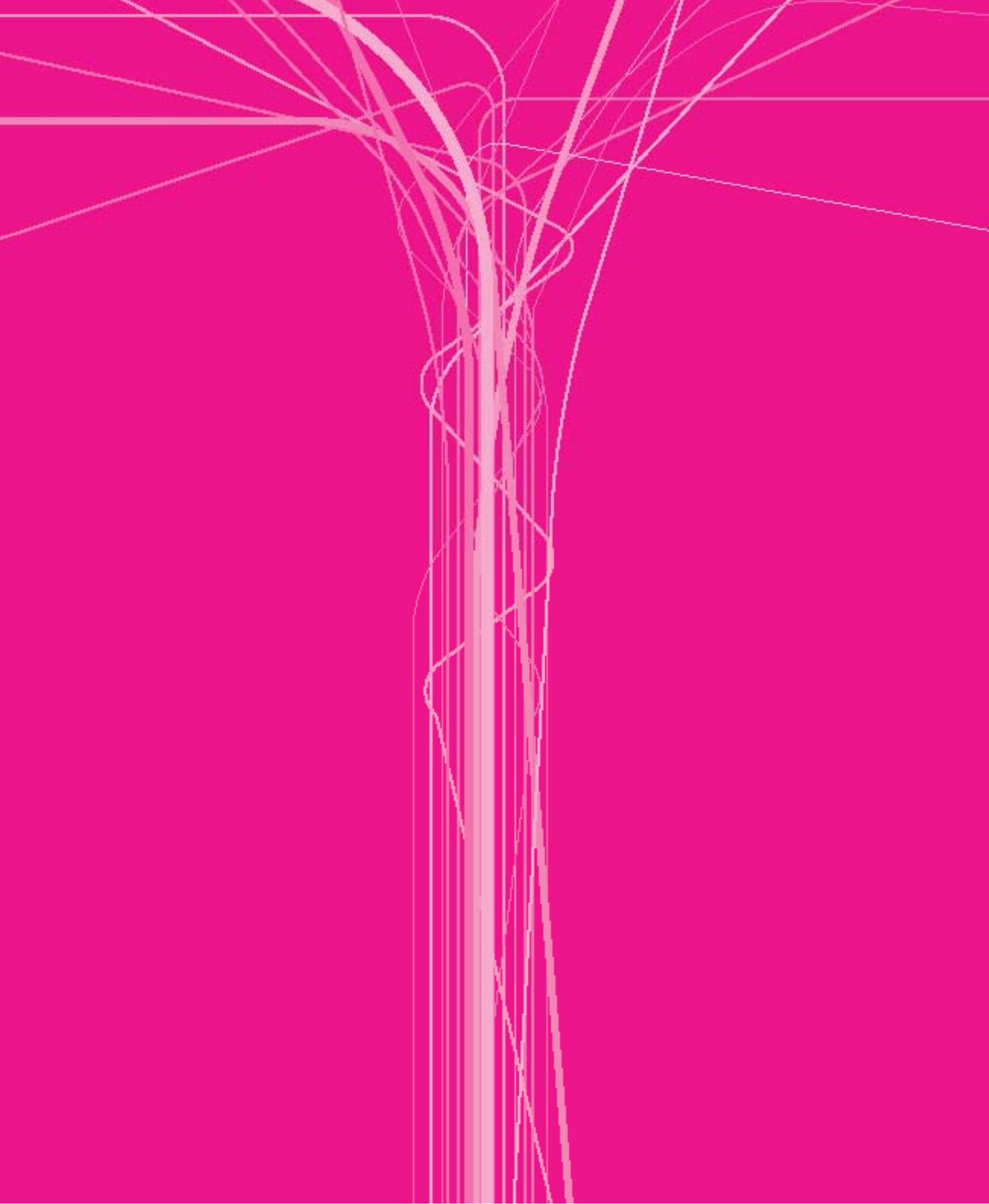
Tel: 021-22621704 - Fax: 021-22626454

site: www.cemina.org.br

e-mail: cemina@cemina.org.br

SUPERVISÃO GERAL / Thais Corral - Coordenadora Geral / Cemina – Comunicação, Educação e Informação em Gênero

CONTEÚDO / Cemina - Comunicação, Educação e Informação em Gênero

EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO GRÁFICA / Selulloid AG Comunicação por Conteúdo

IMPRESSÃO / Stilgraf